

## O MODELO NARRATIVO EM PAPITOCO PROCURA UM AMIGO

Emi Maria Santini Saft

Quando se toma como objeto de análise um texto literário produzido especialmente para crianças, é preciso encarar o material disponível do ponto de vista da produção e dos recursos utilizados para estruturar a mensagem, sem desconsiderar as condições de recepção do público infantil, extremamente peculiares, uma vez que dependem diretamente da maturidade psico-afetiva-motora do indivíduo e do cumprimento dos diferentes estágios de sua alfabetização.

Toda obra desse tipo e, especialmente, a de gênero narrativo está comprometida com seu leitor porque seu efeito positivo ou negativo se confirmará na audição significativamente espontânea e sincera de quem ainda reage com naturalidade, aceitando ou rejeitando o que lhe oferecem, segundo suas necessidades imediatas.

Interessa, assim, inicialmente, o emissor, o autor implícito, cuja técnica se mede pela própria produção, tanto na manipulação hábil como no desperdício dos recursos úteis à formulação do discurso e da história.

Seu gesto mais eloquente é o da criação do narrador, o ente ficcional encarregado de apresentar os personagens, as seqüências, de participar do enredo ou observá-lo à distância, dizendo ou mostrando o que servir para movimentar a trama e garantir o interesse do leitor.

Este, por sua vez, também está visualizado na obra, como correlato dos leitores reais, através de índices expressivos: a seleção do vocabulário, a natureza das frases; as operações mentais que se supõe possam ser realizadas; os diferentes artificios para atrair, ensinar; a existência ou não de ilustrações, sua natureza e funcionalidade; os recursos para persuadir ou mudar comportamentos.

Como se observa, nada, num texto literário para crianças, pode predicar-se de gratuidade. A intromissão no universo infantil implica, necessariamente, reações e marcas definitivas, já que as mentes, ainda muito jovens, mostram-se abertas ao que nelas se quiser inocular.

Em função do que acima se expôs, estudar-se-á uma obra premiada pelo Instituto Nacional do Livro, em 1974, com o primeiro lugar, no Concurso de Literatura Infantil. Trata-se de **Papitoco procura um amigo** (4. ed.), com texto de Martha Maria de Rezende Martins e ilustrações de Gerson Lopes de Andrade, divulgada pela Editora do Brasil S/A.

Através de um levantamento minucioso de tudo aquilo que o texto expõe como seus predicados naturais, serão testados os critérios dessa premiação e os rótulos dela decorrentes (**texto literário, para crianças, de boa qualidade**).

Espera-se que os resultados sejam expressivos no sentido de que, ao esclarecerem as relações texto-leitor, adulto-criança, numa obra particular, venham a definir os pontos básicos para uma avaliação mais criteriosa do material de leitura que se oferece à infância.

## 1 AUTOR IMPLÍCITO

Indisfarçavelmente, o autor implícito é um ser adulto cuja voz, bastante forte e autoritária, faz-se ouvir em pelo menos três situações:

a) na abertura (p. 5): "Enquanto houver crianças florindo nossos caminhos, posso andar de cabeça erguida: meu coração estará cheio de esperança!";

b) confundindo-se com a voz do passarinho (p. 26-9), nos muitos imperativos e no discurso professoral;

c) no comentário que precede o final do livro (p. 53): "O mundo teve a glória de ter um menino chamado Papitoco, mas a humanidade não teve a glória de registrar a sua estória".

O principal argumento para reconhecer, nessas passagens, a sobreposição do autor sobre o narrador é o da linguagem, nitidamente distanciada da empregada no discurso da narrativa propriamente dito; pela evidência de seu caráter retórico, estranho à experiência lingüística infantil. Este comportamento, aliás, dissemina-se por todo o texto, com constantes apropria-

ções da voz maior, a do narrador, desviando-se do serviço inicial da pura e simples efabulação, conforme se mostrará no próximo subtítulo.

## 2 NARRAÇÃO

Vencido o ataviado intróito da página cinco, enunciado em primeira pessoa, concede-se que o relato ocupe seu devido lugar. Aqui, a primeira surpresa: a tarefa da narração está dividida entre o ser que produz as frases e o que as ilustra.

O resultado dessa interação é muito satisfatório, mas é preciso tratar os dois narradores em separado, devido à especificidade do código usado por cada um deles, sem, contudo, destruir-se o caráter relacional de suas funções.

Quem se serve das palavras é um narrador adulto, onisciente, mantendo-se afastado da história, no tempo e no espaço, o que se mostra desde o primeiro parágrafo: a) pelo uso dos tempos do pretérito; b) pela súbita aparição do presente: "Hoje a flor não existe mais" (p. 21); c) com a manutenção da terceira pessoa (a partir da página seis). Predominam as frases curtas, simples, mas há uma permeabilidade muito grande para expressões sofisticadas como as frases parentéticas (p. 10, 11, 13, 16, 32, 33, 34, 43, 44, 46, 48, 54); palavras: "insinuou", "conjecturando", "cativar" (p. 16); "lânguida" (p. 17); "acalentado" (p. 29); "selada" (p. 33). Esse contágio estende-se à construção do relato que, apesar da farta distribuição de comentários, explicações e observações, sofre uma proliferação excessiva de lacunas não-sugestivas que, em vez de funcionarem como estímulo à participação do leitor, diminuem as condições de recepção da mensagem.

Tal sucede, por exemplo, com o quase impossível trânsito do intróito (p. 5) para o relato (p. 6); dentro da trama, com enormes saltos cujo preenchimento supõe um aparato mental já muito desenvolvido, capaz de estabelecer vínculos de causa e consequência (episódio da palmada materna (p. 12); da quebra de promessa paterna (p. 14); da compra frustrada da amizade do passarinho (p. 27-8) ou, ainda, operações superiores como as necessárias para entender os ensinamentos do pássaro e do cão (p. 26-9, 32-7), todos eles vazados em alto nível de abstração. Culmina esse charadismo com a parte final do texto, à página cinquenta e três: "O mundo teve a glória de ter um menino chamado Papitoco, mas a humanidade não teve a glória de registrar a sua história." Admitir que tal enunciado pertença ao narrador seria condená-lo à autodestruição, ao

falsoamento, à incoerência. Reconhecer aí a voz do autor implícito, validaria uma intervenção inoportuna e lingüisticamente discutível que põe em xeque, por extensão o fecho-começo da última página (54), em que se pretende abrir, para o leitor, toda uma nova série de eventos, desta vez verdadeiros, embora a dose de imaginação necessária para configurá-los.

Essas falhas, todavia, não chegam a ser desastrosas, porque o suporte não-verbal é de muito boa qualidade e, na medida do possível, compensa eficientemente os momentos em que falham os esquemas frasais ou conceituais. O desenho e as cores estão funcionalmente determinados: respeitam o grafismo infantil, limitando-se a traços essenciais, com um cromatismo intenso e variado; ocupam racional e esteticamente os espaços; furtam-se à redundância ou à simples reprodução do que foi dito, alargando o âmbito da mensagem. Assim é que muitas lacunas são supridas pela imagem: a caracterização física das personagens (p. 7, 8, 11, 13, 16, 27, 32, 41); o tipo de relacionamento mãe-filho (mãe ajoelhada, braços estendidos, roupas domésticas) (p. 11); pai-filho (homem engravatado, segurando desajeitadamente o menino ao colo) (p. 13); a simplificação visual do processo de emancipação de Papitoco, ao encontrar seu duplo e dialogar com ele, no uso das figuras em oposição (p. 41-9), até sua fusão total (p. 50).

Completa-se sua tarefa com a bela e cruel imagem da página cinquenta e dois, em que o herói, solitário, munido apenas de sua nova estrutura dialética, dirige-se para a desolada paisagem urbana, muito diferente da poética circunvizinhança do bairro em que amadurecera. Infelizmente desacertaram-se os dois narrados e a legenda, já citada. "O mundo teve a glória..." está inteiramente deslocada e vazia. Substituí-la pela da página cinquenta e quatro: "COMEÇO (aqui, realmente, é que se inicia a verdadeira estória do Papitoco...)" seria, no mínimo, mais adequado, pois manter-se-ia o mesmo entendimento de todas as páginas anteriores, entre a linguagem verbal e a não-verbal.

A capa do livro também merece uma atenção, já que estabelece o primeiro contato com o leitor. Embora as dimensões não sejam tão comuns (39,5cm x 20cm), pois o livro aberto perfaz 61cm de largura e só pode ser lido por uma criança com ajuda de superfície de apoio, as imagens são sugestivas e sintetizam os momentos mais importantes da história: o aprendizado pelo sofrimento trazido pelo pássaro; o pequeno mundo do herói; a bicicleta que o transporta para suas aventuras; a descoberta do outro Papitoco.

Os elementos atrativos visuais incluem, ainda, os tipos de impressão, grandes, redondos, semelhantes ao script que é, na maioria dos casos, o primeiro tipo de escrita desenvolvido pela criança.

Somados os esforços dos dois narradores, a efabulação pôde materializar-se para seu público e outros aspectos, como personagens, tempo e espaço, serão tratados a seguir, à medida que se acompanhe livremente o texto.

### 3 PERSONAGENS

Guardadas as devidas proporções, o pequeno Papitoco, personagem central, é apresentado, pelos narradores, como um herói, porque solitário empreende uma travessia não muito fácil, no cumprimento de uma missão sua, muito particular e delicada: encontrar um amigo.

Para resolver tal problema existencial, inicia Papitoco sua exploração do mundo, partindo dos seres mais próximos, os adultos, de quem depende, submetendo-os a uma prova (não explicitada, mas tacitamente ligada a atitudes de compreensão e honestidade), na qual são reprovados.

Esgotados os recursos humanos, parte para a rua e busca, numa flor (p. 15-21) — lamentavelmente usurpada de **O pequeno príncipe** (conferir coincidências com o texto clássico, Ed. Gallimard, Paris, p. 32-3 — episódio da flor — e p. 66-74 — episódio da raposinha), de Antoine de Saint-Exupéry — resposta para sua necessidade. Embora esperançoso de entender-se com o novo foco de sua atenção e desiludido com os adultos (p. 17), fracassa novamente porque, ainda não distanciado das coisas que o cercam, não entende a proposta do vegetal: "Se você me cativar...". Apropria-se do objeto de seu desejo, arrancando-o e condenando-o, involuntariamente à morte, numa atitude perfeitamente compreensível para a criança que ainda não opera com o princípio da pré-causalidade (PIAGET e INHELDER. **A psicologia da criança**. São Paulo, DIFEL, 1974) e não pode prever as conseqüências de seu gesto. Acaba entendendo que sofreu uma perda e, imitando os adultos, tenta mostrar-se triste e chorar. Não o conseguindo, vai à pia, toma algumas gotas de água e encena o sofrimento, esquecendo o incidente.

A incursão seguinte é pelo mundo animal, agora com um ingrediente novo: o dinheiro. Experimenta o menino o poder da moeda e procura comprar a amizade de um pássaro, o que lhe

custa pesado sermão, em linguagem muito autoritária e moralizante, um verdadeiro espelho das palavras adultas, quando se perde o senso de medida no trato com os pequenos. O sofrimento, desta vez, vem ao natural e o personagem chora, confuso, sem saber bem por que dói tanto.

Segue-se a aventura com o cão vadio (p. 32-7) que se liga ao herói porque deseja comida, conforto e carinho. Um tanto ressabiado, Papitoco exige garantias para essa nova ligação, mas acaba, ingenuamente, entregando-se a este novo afeto, não percebendo os laços interesseiros que o prendiam ao dito "amigo". Surpreende-se e desilude-se ao ser trocado pelo primeiro gato que passa, provocando o cão.

Quase desiste da busca, mas, confortado pela mãe, prossegue.

O novo encontro é súbito, inesperado. Ao virar a esquina, depara outro menino que o procura (p. 40). A aproximação física é secundada pela verbal, com o discurso assumindo caráter dialético, perdendo o aspecto de monólogo paralelo, presente em todas as "conversas" anteriores.

Na fala de Papitoco (p. 45), a linguagem mimetiza a evolução sofrida, devido às experiências relatadas. Os dois primeiros parágrafos apresentam, lingüisticamente, o primarismo das operações mentais das crianças bem pequenas: "Tenho uma mãe. Ela não pode ser meu amigo porque é minha mãe. Tenho um pai. Ele não pode ser meu amigo porque é meu pai. // Roubei uma flor. O jardim ficou feio sem ela, e ela entristeceu, murchou e morreu. Não pode ser meu amigo porque eu nasci da barriga da minha mãe e ela nasceu da barriga da terra." (p. 45). Os três parágrafos seguintes já evidenciam e-nunciação de juízos melhor formulados e maior movimentação emocional: "Quis comprar uma amizade. Mas feri um passarinho e ele voou. Me ensinou e desapareceu. // Tive um cachorro. Ele não quis ser meu amigo, porque preferiu o gato. Ele me traiu. // Como você pode ser meu amigo desde que nasci? Nunca vi você antes..." (p. 45).

No discurso do outro menino (p. 47) está implícita a proposta de amadurecimento que o encontro oferece: os juízos são mais profundos e as frases mais elaboradas, indicando mudanças temporais e comportamentais: "Quero ser seu amigo, conversando junto, fazendo tudo junto. Eu quero ser você e quero que você seja eu. Po's só assim, através de nós dois unidos, poderemos amar aos outros, sermos amigos das flores, dos pássaros e dos cachorros..." (p. 46).

A fusão dos dois personagens (p. 50) reestrutura o herói e o prepara para novas aventuras, agora ditas **verdadeiras** (p. 54); desliga-o do mundo restrito em que se encontrava confortavelmente instalado; empurra-o, solitário, munido apenas de si mesmo, para o mundo urbano nada atraente e acolhedor.

Numa simples recapitulação do que acima se expôs, percebe-se que a focalização dos demais personagens é feita através de Papitoco, com alguns deslizos ocasionais, já citados, quando o narrador não consegue manter sua autonomia e o autor implícito exorbita sobre a narrativa.

Deste modo, todos os elementos envolvidos na história funcionam como pretexto para que ocorram modificações no personagem central, havendo, sob esse aspecto, enorme economia de recursos. Acresça-se, também, a opção por traços negativos das experiências, mesmo as que envolvem vegetais e animais, muito mais fortemente carregadas de significado que outras em que ocorresse tudo bem.

A dinamicidade do relato não se restringe, entretanto, aos personagens e suas ações. Outros elementos contribuem para estruturar um real significado à travessia de Papitoco: o **tempo** e o **espaço**.

#### 4 TEMPO E ESPAÇO

Estas duas dimensões estão harmonicamente imbricadas e suas marcas não só funcionam como âncoras para a verossimilhança do relato, mas colaboram para que a mensagem se construa sobre o nó significativo "jornada", capaz de justificar as diferentes células narrativas (os mini-episódios) em agrupamento, tendendo para a constituição de um tecido maior.

Passa-se do tempo e do espaço do autor implícito e do narrador, ambos muito abrangentes e não-marcados, para os do herói, inicialmente bem determinados: relato no passado, idade do personagem (cinco anos), "mundo que ia de um quarteirão a outro de sua casa, passando pela pracinha" (p. 10). Os personagens restantes, pela focalização, pertencem ao universo do garoto, todo ele nebuloso em termos de cronologia e distância porque a criança, até uma certa idade, não se percebe isolada — tudo é uma continuação do ser e não há questionamento sobre distância métrica ou cronológica (Piaget).

Bem cedo, entretanto, o narrador opta por uma temporalidade e uma espacialidade sugeridas pelo próprio discurso ou pelo próprio relato, de tal modo que se percebe a movimen-

tação física e comportamental analisada no subtítulo anterior, com conseqüente ampliação das duas medidas:

- a) "Um dia, Papitoco descobriu que todo mundo, todas as pessoas, tinham um amigo só seu, particular..." (p. 9);
- b) "E Papitoco saiu por esse mundo afora..." (p. 10)
- c) O confronto com os adultos... (p. 11-14);
- d) A motobicicleta (p. 15);
- e) O prazo necessário para conhecer a flor; brincar de conquistá-la; tirar-lhe a vida, fazendo-a fenecer num caneco de água (p. 15-21);
- f) O tempo para juntar dinheiro, no porquinho; o escorrer das horas, no episódio do pássaro; o amargo aprendizado implícito (p. 24-9);
- g) O hiato de três dias até nova aventura (p. 30);
- h) O encontro com o cão que, após cinco dias — muito tempo, para Papitoco — já se confessava envolvido afetivamente até "vinte e cinco do infinito", garantindo, com essa declaração, mais momentos de conforto;
- i) As novas aptidões mentais do herói, capaz de tirar conclusões: "Vinte e cinco do infinito, pensou Papitoco. Nem um só do infinito que ele me amava e que era meu amigo. Nem um só do infinito" (p. 37);
- j) A elipse, no relato, de muitos dias: "cem horas, duzentas horas" (p. 40);
- l) O encontro com o outro menino — Papitoco já andava de bicicleta a motor (p. 41); a aquisição do novo conhecimento (preparado cumulativamente, mas descoberto por "insight" — Piaget —, o que implica, obviamente, uma progressão de mais ou menos cinco anos;
- m) O pensamento dialético, o rompimento da envoltura protetora, espacial e cronológica (p. 50-2);
- n) A devolução final ao espaço e tempo urbanos (p. 52) e o novo começo, a partir da cessação dos fenômenos enumerados.

Essa codificação indireta das seqüências temporais e das alterações espaciais, se analisada apenas do ponto de vista da poética do texto, é agradável e até lúdica, porque insinua-se e força uma apreensão racional — no caso de um leitor adulto e experimentado, conhecedor da psicologia infantil. E quanto ao pequeno leitor? É o que se verá a seguir.

## 5 LEITOR IMPLÍCITO

Partindo das linguagens utilizadas (verbal e não-verbal) para atingir o público idealizado por autor implícito e ilustrador de **Papitoco procura um amigo**, não é difícil configurar o leitor implícito na obra.

A ausência de oralidade e de manipulação de recursos narrativos consagrados pelas crianças, através da recepção dos textos clássicos (Andersen, Grimm, Perrault, Collodi e outros), caracteriza o receptor, primeiramente, como um ser alfabetizado. Isto se reforça, ainda, pela intercomplementaridade texto-imagem que postula um seguimento individual e linear do relato. Qualquer tentativa de passar a história, para as crianças, sem que elas pudessem manusear o livro, implicaria adaptação do discurso e da tarefa do narrador, com o preenchimento das carências apontadas.

Somando este dado ao que se conhece da psicologia da criança, é possível determinar a idade desse receptor: entre seis e nove anos, para abranger um período estimativamente normal de início de escolarização e de afloramento de interesses compatíveis ao que é narrado.

Considerando essas constatações como aceitáveis, estranha-se, então, uma série de descuidos que, por bastante sérios, podem chegar a anular as precauções que o autor implícito observa, ao compor sua obra:

a) a utilização de linguagem ambígua e retórica; b) o oferecimento de lacunas dificilmente preenchíveis; c) as incorreções na linguagem: pontuação (p. 6, 9, 17, 21, 23, 24, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 45, 51); ortografia ("a procura de (p. 10, 30) / "as vezes" (p. 24) / "sem saber porque" (p. 29); construção ("E a flor voltou donde viera" (p. 21); regência ("esquecer dele" (p. 30); inadequação na escolha do vocabulário (... "pensando entre comprar chiclete ou figurinha de álbum" (p. 40); variação indevida dos tratamentos (até a página nove, manteve-se a terceira pessoa, nos diálogos; a partir daí, talvez sob pretexto de uma pseudofidelidade a uma oralidade inexistente, alternam-se tu e você, até o final do texto); d) flutuação das estruturas frasais, ora miméticas do discurso da criança, ora elaborados como as dos adultos, oscilando de um nível a outro sem uma correlação com as necessidades da história.

Observando-se que o texto estabelecido para análise é o da quarta edição, não se pode atribuir tais imperfeições a fa-

lhas do revisor, tornando-se lamentável que se ofereça, para consumo, a quem apenas se está familiarizando com a linguagem verbal escrita, um código em que os erros não parecem destinados a produzir algum efeito contestatório à norma lingüística predominante e podem ser dados como resultantes de uma imperícia real da escritora.

Pela caracterização visual dos personagens e dos espaços pelos quais transita o herói, o livro destina-se a leitores do meio urbano. Acentua-se essa direção pelos motivos que compõem a trama, bastante diferenciados dos que poderiam ser escolhidos, caso se visasse a apresentar o mesmo tema (amadurecimento da criança), relacionado com personagens do mundo rural, principalmente porque lá não se estabelecem distâncias tão grandes entre adultos e crianças, crianças e o mundo que as cerca. Não há, por exemplo, em **Papitoco procura um amigo** qualquer possibilidade de vínculo solidário dos seres humanos entre si, com o mundo vegetal ou animal.

Embora aparentemente identificado com os problemas de Papitoco (e, conseqüentemente, do leitor), apressa-se o relato em antecipar, o mais possível, a chegada do futuro e sua configuração cruel e agressiva: na ausência de outras soluções, é preciso que cada indivíduo conte consigo mesmo, muna-se de uma autonomia satisfatória e permaneça no mesmo mundo — cheio de indicadores negativos — que o forçou a emancipar-se.

Não é oferecida, ao leitor, a dose necessária de fantasia, para que esses problemas existenciais possam ser resolvidos, de forma simbólica, como ocorre em outros textos ditos emancipadores (contos de fadas, lendas, mitos, etc.). A recusa de apelo a esse componente indissociável das experiências humanas atropela o leitor e o frustra, na confirmação nua e desesperada de coisas apenas adivinhadas, no seu dia-a-dia, bastante parecido com o do personagem central.

Dando um acabamento ao perfil do leitor implícito na obra que se analisou, é preciso vê-lo como destinatário de uma mensagem construída sob a ideologia do individualismo, metaforizando a impossibilidade de se criar outros laços que não os estabelecidos com a própria consciência.

Outra não é a atitude do próprio autor implícito (sempre distante do personagem e do público) e a dos narradores que, apenas nos poucos momentos em que se aproximam de seu herói, conseguem escapar ao próprio encarceramento, deixan-

do transparecer uma vaga admissão da alteridade, que se anula na última gravura e no último enunciado, pois se prestigia, em imagem e verbo, a entrada solitária da criança emancipada, no mundo **verdadeiro**...

## 6 CONCLUSÃO

Enquanto limitada a fazer aparecer resultados latentes no texto, uma leitura crítica pode, sem pudor, ir tão longe e tão fundo quanto se julgue necessário, mesmo correndo o risco de decompor demasiado a obra analisada, desde que se procure, num determinado momento, reconduzi-la a sua condição de objeto integral e se revejam, de modo organizado, as indicações apreendidas.

Buscando esta revisão, a fim de determinar a pertinência das descobertas propiciadas pela abordagem textual, segue-se que:

Produzir **Papitoco procura um amigo**, para crianças, e ver consagrada essa intencionalidade, pelo sistema, com uma premiação, não é condição suficiente para tornar indiscutível a qualidade da obra. Esses pontos, aliás — **intencionalidade e consagração** — pertencem, de modo exclusivo, ao mundo dos emissores, todos adultos, criando e julgando mensagens a partir de seus próprios pressupostos, inevitavelmente presos à ótica de quem já cresceu e não consegue, por mais que se esforce, suprimir a distância real que os separa do destinatário.

A permanecer aí, no lado dos adultos, é legítimo pensar o texto como algo bom, útil: está bem ilustrado, há boa diagramação da parte verbal; a historinha é simpática e vai ensinando, por metáforas, que o crescimento implica perdas e sofrimento, mas compensa-os com um presente inestimável: o da autonomia. O pequeno herói não tem superpoderes (assim como seu leitor) e tudo se resolve linear e realisticamente, sem se fugir do chão.

Invertendo, entretanto, a visão, passando a questionar tudo, novamente, a partir do recebedor dessa mensagem, percebe-se que há muitas interrogações inquietantes, fortes o suficiente para forçar uma reconsideração de critérios:

1) O caráter eminentemente gráfico do texto, tanto a nível verbal como não-verbal, acentua a distância entre emissor e

destinatário da mensagem. Ao desprezar os artifícios da oralidade, na linguagem, privando o narrador de autonomia e até falseando seu papel de contador de histórias; ao atribuir-lhe um discurso instável, para filtrar suas próprias idéias, o autor implícito destrói, no momento em que deveriam nascer, os efeitos que deseja causar em seu público infantil.

2) O desprezo pela fantasia empobrece sensivelmente a efabulação. O caráter ficcional se comprova pelo negativo, pela imperícia na construção do relato e não pelo que arrebatou, emociona, arrasta a criança para fora de si mesma. Não há, por exemplo, a instauração de um suspense, de um encaixamento entre os episódios, que intrigue e faça prosseguir a leitura. Até mesmo o tênue caráter lúdico das pesquisas de Papitoco não transcende a história e o leitor não participa — sequer é convidado a fazê-lo.

3) Em conseqüência, não se provoca **liberação** alguma: pelo contrário, a **pressão** é inócua, enquanto não se a compatibiliza com interesses e necessidades da criança. Sobrepondo a vontade de antecipar vivências e acelerar o desenvolvimento à pura e simples necessidade de agradar e motivar o pequeno leitor, desconsidera-se o valor do inventado, do **dramático** (Sosa, 1978, p. 39) como caminhos certos para uma interação profunda com a criança.

4) Este silêncio, o da obra, que não abre canais eficientes para sua voz é apenas, de certo modo, o mesmo que cerca o personagem principal, a quem não são dadas respostas satisfatórias e a quem se sugere que aprenda a ouvir, o quanto antes, a si mesmo. O gesto do autor implícito ecoa, então, no vazio que ele mesmo edificou, com tanto cuidado, porque incoerente com sua própria ideologia de solidão e individualismo.

5) A menção a uma alteridade adveniente da descoberta do EU soa, pois, falsa e retórica ("Pois só assim, através de nós dois unidos, poderemos amar os outros, sermos amigos das flores, dos pássaros e dos cachorros..." (p. 47), algo **para ser lido, cuja substancialidade acaba nas palavras impressas, pois, em nenhum momento traduziu-se, essencialmente, em qualquer dos gestos esboçados.**

Resta, assim, apenas o conhecimento que se deseja **transmitir** e não **provocar**. É, então, provável que a criança não aceite o presente tão bem embrulhado, por vir demasiado

pronto e não haja sequer incentivo para pôr-se mãos à obra, desmontá-lo e fazer nascer, dos resíduos, algo que lhe dê realmente algum prazer e lhe ensine, afinal, um lance novo, em seu jogo particular, no desafio enorme da vida.

Registrar e classificar as reações de uma população real seria o complemento adequado à sustentação ou negação do que foi possível constatar até aqui. Para tal, entretanto, é preciso modificar completamente o método de trabalho.